



HISTÓRIA, LITERATURA E PRÁTICAS DISCURSIVAS: REPRESENTAÇÕES FEMININAS EM ROMANCES DE AGRIPA VASCONCELOS

Vinícius Amarante Nascimento, Regina Célia Lima Caleiro, Viviane Caminhas Santana

Introdução

A proposta deste estudo converge na investigação a partir do conceito de representação do Historiador Roger Chartier, as imagens literárias de Chica da Silva, Dona Beija e Joaquina do Pompéu, projetadas pelo romancista Agripa Vasconcelos em suas obras literárias datadas de 1966, onde emerge representações femininas cuja constituição deriva de valores modelados segundo determinadas condições sociais, econômicas e políticas. Neste estudo busca-se a aproximação entre História e Literatura, já que esta é veículo que expressa razões e sentimentos de uma época.

Material e métodos

Nesta pesquisa a fonte precípua é a literatura, mais especificamente três romances que serão confrontados com leituras bibliográficas de forma a deixar emergir não só o momento social que lhes serve de panorama, mas os perfis femininos aí representados.

As maneiras de imaginar o “ser mulher” nas diferentes sociedades em que as mesmas se encontraram introduzidas, seja por meio das apreciações masculinas como femininas, cunham representações. Neste sentido, tal pesquisa tem como principal questionamento: Que representações foram construídas de Chica da Silva, Dona Beja e Joaquina do Pompéu nas obras literárias de Agripa Vasconcelos?

O corpus documental desta pesquisa é composto por fontes impressas, livros de literatura, fontes profícuas para pesquisadores que buscam impressões de vidas, valores, anseios, sentimentos humanos e no caso desta pesquisa representações sobre a figura feminina repleta de significados. Isso não seria possível sem o advento da História Social e Cultural, e da História das Mulheres que retirou das fímbrias da memória aspectos importantes do universo feminino. Ressalta-se que no estudo das representações literárias se “(...) requer, necessariamente, a interpretação da forma e do conteúdo das obras, ou seja, exige que sua análise interna seja articulada aos contextos históricos e sociais” Ferreira [1]. Dessa forma, é indispensável instituir táticas para o estabelecimento da conversação entre textos e o mundo circundante. Como tal, procuraremos como procedimento de investigação e interpretação dos documentos a análise do discurso que busca “(...) explicitar como texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeitos e sentidos” Orlandi [2]. Já que para a análise do discurso a interpretação da fonte textual é indissociável do seu momento histórico de feitura, não sendo o discurso exterior a realidade.

Resultados

Propomo-nos através desta pesquisa analisar as representações literárias femininas nos romances histórico biográficos, A vida em flor de Dona Bêja, Vasconcelos [3], Sinhá Braba Vasconcelos [4], e Chica que manda, Vasconcelos [5], do escritor mineiro Agripa Vasconcelos. Médico e consagrado escritor mineiro Agripa Vasconcelos nasceu em Matosinho em 1900, logo se dedicou a poesia e a prosa produzindo durante sua trajetória intelectual inúmeros romances, como os selecionados para esta pesquisa que fazem parte de uma coleção de livros que compõem as Sagas do país das Gerais, série que busca contar à história de Minas Gerais no período colonial e imperial conjugando fantasia e realidade. Com um estilo próprio e híbrido amálgama de História, Biografia Ficcional e Romance Histórico, Agripa Vasconcelos expõe as suas obras como históricas, resultado de anos de investigação, de viagens e de informações merecedoras de “crédito” pelo leitor.

Torna-se indispensável para este procedimento de apreciação, o apoio teórico metodológico indicado pela História Social e Cultural, pois como explica-nos Roger Chartier, a história Social e Cultural, “(...) tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”, Chartier [6]. A representação está no cerne da nova História Social e Cultural, e essas representações “(...) construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem e sua existência”, Leenhardt e Pesavento [7].

Segundo Sandra Pesavento a representação é a “(...) presentificação de um ausente (...)” Pesavento [8], presença que pode manifestar seja através de imagens visuais, mentais, materiais e discursivas. A imagem de Chica da Silva, Dona Beja e Joaquina do Pompéu, fluidas na memória coletiva, ausentes pelo espaço e tempo, seriam



FÓRUM

FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas e culturais • Debates • Minicursos e Palestras

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

UNIMONTES
Universidade Estadual de Montes Claros

APOIO:

FAPEMIG

FADENOR

REALIZAÇÃO:

24 a 27 setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

presentificadas por Agripa Vasconcelos. Como um homem do século XX, Agripa Vasconcelos reconstruiu tais personagens segundo os desígnios de sua época, pois, como acrescenta Roger Chartier às representações “(...) são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza”, Chartier [9].

Na obra de Agripa Vasconcelos as três protagonistas Dona Beija, Joaquina do Pompéu e Chica da Silva foram apresentadas como pertinazes, brilhantes, fortes, frias, hábeis a gerência e ao raciocínio cruel, mas também contraditoriamente descritas como santas e genuinamente caridosas. Tais representações fazem parte do projeto identitário do literário que ao procurar entender o fato da mulher poderosa que exerce o mando, acaba por simplificá-la através de uma tipologia de caráter maniqueísta, como se todas as mulheres formidáveis pudessem ser reduzidas a uma forma condensada que as equiparasse e as esclarecesse. Sendo assim, esta pesquisa pode identificar preconceitos, estereótipos e idealizações na construção das representações destas mulheres como a edificação de uma identidade feminina respaldada em princípios biológicos. Nos romances percebe-se um discurso masculino (muitas vezes machista) que fala sobre a mulher, ajuizando expressar-se por ela.

Agripa Vasconcelos ocupa uma posição de enunciação relevante pelo seu posto de autoridade como médico e literário, seus romances pela sua circulação tornaram-se notórios. Tais obras recriaram personagens femininas, tal mediatização é resultado de um discurso social masculino que não é neutro, mas, ideológico, já que, “(...) a linguagem, em seu sentido mais amplo, desempenha papel fundamental na definição e na manutenção da visão de mundo “masculina”, vigente na maioria das sociedades ocidentais modernas”. Rocha-Coutinho [10] Tal discurso tem influenciado para a composição de uma subjetividade feminina inata e em decorrência, tem prestado para manter as mulheres em uma posição de subalternidade ao buscar regularizar diferenças hierárquicas entre homens e mulheres forjando uma “identidade feminina congênita”.

Conclusão

A história Social e Cultural possibilitou que houvesse esta articulação entre história e literatura. Dessa forma ao analisar as representações imaginárias de Chica da Silva, Dona Beija e Joaquina do Pompéu nas obras literárias de Agripa Vasconcelos, podemos perceber a intencionalidade discursiva do autor na definição de imagens em torno de tais mulheres, que revelam a realidade do período em que foram imaginadas, como da sociedade que as concebeu. No final da história das três, as mulheres que em suas juventudes foram fortes, poderosas, intrépidas e independentes terminam as suas vidas sozinhas, punidas, atormentada pelos crimes cometidos no passado e à beira da loucura. Assim é o final da vida, segundo Agripa Vasconcelos, da mulher que nega a maternidade, que não se contenta em ser sepultada no âmbito domiciliar e que transgredir os padrões normativos transcritos para o feminino.

Referências

- [1] FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tânia Regina. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 83.
- [2] ORLANDI. Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001, p. 26-27.
- [3] VASCONCELOS, Agripa. **A vida em flor de Dona Bêja**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1966.
- [4] VASCONCELOS, Agripa. **Sinhá Braba, D. Joaquina do Pompéu**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1966.
- [5] VASCONCELOS, Agripa. **Chica-que-manda**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1966.
- [6] CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990, p. 16-17.
- [7] LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: UNICAMP, 1998, p. 39.
- [8] PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 19.
- [9] CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990, p. 17.
- [10] ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 55.